

DIÁLOGOS ENTRE GEOGRAFIA E LITERATURA: PERMANÊNCIAS E TRANSFORMAÇÕES NA PAISAGEM URBANA DE PORTO ALEGRE REVELADAS PELO ROMANCE “OS RATOS”, DE DYONELIO MACHADO.

*DIALOGUES BETWEEN GEOGRAPHY AND LITERATURE:
PERMANENCES AND TRANSFORMATIONS IN THE
URBAN LANDSCAPE OF PORTO ALEGRE REVEALED BY
THE ROMANCE “OS RATOS”, BY DYONELIO MACHADO.*

Jéferson Soares Morais¹

RESUMO

A paisagem é uma das categorias de análise que a Geografia utiliza para estudar o espaço. Esse conceito pode ser apreendido a partir de duas perspectivas: uma de caráter denotativo, com suas formas físicas cumprindo um papel objetivo, capaz de ser apreendido por qualquer sujeito; a outra de caráter conotativo, referente ao conteúdo dessas formas e que contém inúmeros significados, garantindo o caráter subjetivo da paisagem. Esse campo subjetivo se apresenta por meio das representações e é por essa via que se encontra um ponto em comum entre a Geografia e a Literatura – dois saberes científicos que utilizam representações para interpretar e traduzir o mundo à sua maneira. Pensando nesta intersecção, foi traçado o objetivo de analisar a paisagem urbana de Porto Alegre do início do século XX utilizando as descrições contidas na obra “Os Ratos” de Dyonelio Machado. A metodologia consiste na análise de trechos da obra, considerando as categorias do método geográfico: *forma, função, estrutura e processo*. As principais permanências reconhecidas foram no âmbito estrutural – principalmente no que tange às relações econômicas e sociais desiguais – com as formas e funções da paisagem se transformando de maneira mais dinâmica, se adaptando às mudanças oriundas do processo histórico. Concluiu-se que a proposta de analisar a paisagem de um tempo histórico – bem como sua transformação – com o auxílio de uma obra de ficção é possível. Pelo caráter lúdico e estético e pela aproximação com a realidade concreta, as obras de ficção se mostram como uma ferramenta didática com grande potencial.

Palavras-chave: Geografia. Literatura. Paisagem. Representações. Porto Alegre. Dyonelio Machado.

ABSTRACT

The landscape is one of the categories of analysis that Geography uses to study space. This concept can be apprehended from two perspectives: one of a denotative character, with its

¹ Licenciado em Geografia pela UFRGS e mestrando em ensino de Geografia pela UFRGS. Educador popular no pré-vestibular popular Dandara dos Palmares.

physical forms perform an objective role, capable of being apprehended by any subject; the other of a connotative character, referring to the content of these forms, which contains numerous meanings, guaranteeing the subjective character of the landscape. This subjective field is presented through representations and it is through this path that a common point is found between Geography and Literature - two scientific pieces of knowledge that use representations to interpret and construe the world in their way. Thinking about this intersection, the objective was to analyze the urban landscape of Porto Alegre from the beginning of the 20th century, from the descriptions contained in the work "Os Ratos" by Dyonelio Machado. The methodology consists of analyzing excerpts from the work, considering the categories of the geographic method: form, function, structure, and process. The main permanence recognized was in the structural sphere - mainly about unequal economic and social relations - with the forms and functions of the landscape changing more dynamically, adapting to the changes arising from the historical process. It was concluded that the proposal to analyze the landscape of historical time - as well as its transformation - with the help of a work of fiction is possible. For the playful character and the approximation with concrete reality, fiction works are shown as a didactic tool with great potential.

Keywords: Geography. Literature. Landscape. Representations. Porto Alegre. Dyonelio Machado.

INTRODUÇÃO

Este artigo surgiu a partir da pesquisa desenvolvida no mestrado em ensino de Geografia, na qual é proposto pensar e enxergar a Geografia em obras literárias. Entende-se que as obras propiciam um rico potencial de aprendizagem, já que desenvolvem temas do cotidiano utilizando uma estética literária, que a Geografia pode explorar para trabalhar diversos conceitos. Neste artigo, foi traçado o objetivo de pensar o conceito de paisagem para a Geografia utilizando como fonte a obra "Os Ratos", do escritor gaúcho Dyonelio Machado. A obra conta a história de Naziazeno, um funcionário público de classe média que está em dívida com o leiteiro e sua saga para conseguir os 53 mil réis que irá quitá-la. O livro inteiro narra as 24 horas de Naziazeno neste percurso pela cidade de Porto Alegre. Entende-se que as descrições contidas na história, podem dizer muito sobre a paisagem da zona central de Porto Alegre do início do século XX.

No início do artigo é abordada a relação entre Geografia e Literatura, e como este diálogo pode potencializar a construção de conhecimento. Na sequência são apresentadas as referências sobre o conceito de paisagem para a Geografia que sustentaram o trabalho e por fim, foi analisada a paisagem de Porto Alegre do início do século XX, a partir das descrições contidas na obra, utilizando como ferramenta metodológica de análise a matriz de categorias do método geográfico defendida por Milton Santos (1985): *forma, função, estrutura e processo*.

1 Geografia e Literatura

O objeto de estudo da Geografia é o espaço. Este, seguindo o conceito elaborado por Milton Santos (2006), “[...] é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá” (SANTOS, 2006, p. 39). Ou seja, o espaço compreende a noção de totalidade, englobando uma infinidade de relações em diferentes escalas, desde o local até o global. Devido à dimensão do seu objeto de estudo, a Geografia é reconhecida por sua habilidade em dialogar com outras disciplinas:

O recurso a outras áreas científicas tem sido, desde há muito, uma prática na Geografia. Porém, quase sempre áreas, cuja afinidade ninguém questiona. Quantas vezes a Geografia Física recorreu aos postulados da Geologia, da Biologia, da Física ou da Química. E a Geografia Humana quantas vezes utilizou como contramoldes a Sociologia, a História, a Economia ou a Antropologia? Inúmeras. No entanto, áreas como a Literatura, a Psicologia ou as Artes, têm sido pouco utilizadas, ainda que nos transmitam outros modos de perceber o(s) território(s). Isto é, o mesmo objeto pode ser olhado e entendido de formas diversas que não se excluem, antes se completam (CRAVIDÃO; MARQUES, 2000, p.24).

Unindo a capacidade de dialogar com outras áreas que a Geografia tem, com a liberdade que a arte permite em representar e interpretar o mundo, é encontrada nesse diálogo uma trilha para enfrentar as inquietações que motivaram esse trabalho, ao enxergar a Literatura como uma aliada para potencializar o pensamento geográfico. Antes de procurar encontrar essas possibilidades de diálogo, é importante a reflexão sobre o ponto que ambas possuem em comum: a habilidade de representação do mundo. Representar é uma palavra que no português pode ter diferentes significados, desde o utilizado para designar o ator em uma peça teatral, a pintura de uma cidade, um advogado que atua judicialmente pelo réu ou até um vereador que defende os interesses de um grupo social. O comum em todos os exemplos é que “[...] a representação faz ver uma ausência, o que supõe uma distinção clara entre o que representa e o que é representado” (CHARTIER, 1991, p. 184) e ao mesmo tempo “[...] é a apresentação de uma presença, a apresentação pública de uma coisa ou de uma pessoa” (CHARTIER, 1991, p. 184) que substitui/symboliza o representado. A mesma ideia pode ser aplicada a um mapa ou livro que procura representar alguma porção do espaço, mas que não é o espaço representado.

Assim, tanto a Geografia quanto a Literatura trabalham com representações do mundo, cada uma de acordo com sua epistemologia. E é nesse ponto que percebemos a intersecção entre os dois saberes e a riqueza de conhecimento que esse encontro pode gerar. Nesse sentido “[...] os textos literários apresentam-se como um rico material a ser apreciado por nós geógrafos, pois eles evocam a alma dos lugares e o cotidiano das pessoas” (BARCELLOS, 2009, p.41) enfatizando que:

O sentido de humanidade tem que ser colocado em devir-outro para podermos ter uma compreensão melhor do que somos no/com o mundo. É isso que a arte tem como sua grande potencialidade de nos fazer sentir, de instigar a pensarmos além do que entendemos ser o certo e o óbvio de nós mesmo e do mundo (FERRAZ; CHAVEIRO; NUNES; SUZUKI, 2016, p. 322).

Na provocação em pensar além do óbvio, associado aos sentimentos que a arte estimula, existe a possibilidade de atrair o sujeito para o exercício de interpretação da realidade. A linguagem livre e flexível que a Literatura pode utilizar para descrever fenômenos e objetos, também contribui para o aumento das possibilidades de interpretação e representação do espaço, garantindo uma liberdade maior do que o determinismo característico das ciências:

Ao projetar uma infinidade de imagens pelas “lentes” feitas de metáforas e analogias, a literatura concede uma estimuladora alternativa de fertilidade aos saberes - dentre eles o conhecimento científico - encorajando uma reflexão ainda mais intensa de suas questões (BARBOSA, 2013, p.149).

Há, portanto, nesse diálogo com a arte um caminho para se ampliar a atuação das ciências. Assim como Morin (2003) afirma que o sujeito é ao mesmo tempo produto e produtor social, na relação entre Geografia e Literatura, o real e a ficção também compõem uma via de mão dupla: tanto a ficção é produto de elementos reais, quanto é produtora da realidade através das representações que constituem o imaginário², pois:

A literatura brasileira incorpora em várias de suas obras mais relevantes elementos de interpretação histórica e ge-

2 “Entende-se por imaginário um sistema de ideias e imagens de representação coletiva que os homens, em todas as épocas construíram para si, dando sentido ao mundo” (PESAVENTO, 2004, p. 43).

ográfica do país em formação. Apropriada pela crítica literária, a ideia de “formação” ganha eficácia explicativa em duas direções aparentemente opostas, mas na realidade complementares: a literatura, ao mesmo tempo, é formada e transforma o chão social, cultural, histórico e geográfico sobre o qual nasceu, e que lhe conforma organicidade e sentido. É formada, pois incorpora problemas de seu tempo e de seu espaço; transforma, pois, cria e cimenta identidades locais, regionais e nacionais, impondo-se como representação coletiva que funda práticas e vínculos culturais e sociais (ARAÚJO, 2003, p. 2).

Nesse processo dialógico de inter-relações sociais, culturais, históricas e geográficas, o imaginário da população é produzido. Sendo assim, a ficção literária não é só uma simples reprodutora da realidade espacial que permite uma abordagem alternativa para a descrição do espaço. Ela é também construtora de significados. Através da sua representação, ela permite a construção de imaginários geográficos que são materializados de diversas formas. É aí que a realidade e ficção se confundem e a literatura evidencia seu poder sobre as pessoas. Nesse sentido, é importante reconhecer que uma mesma história pode ser contada de diferentes formas, de acordo com o ponto de vista dos envolvidos. Caso contrário, existe o risco de ter a interpretação manipulada por determinados discursos que não contemplam todas as realidades do espaço representado.

Conforme a intencionalidade e o poder de disseminação das imagens sociais acerca do espaço, as mesmas acabam se concretizando em estereótipos. Por exemplo: uma pessoa que não conheça determinado local pessoalmente, mas o conhece através de livros, vai ter a sua representação geográfica do local construída por essas referências. Se esses livros utilizarem uma narrativa degradante sobre o local, é provável que o leitor crie uma representação de degradação desse local e das pessoas que lá vivem, ignorando as outras narrativas e perspectivas sobre o local, fortalecendo estereótipos e preconceitos. Desse modo a literatura pode servir para construir ou defender um poder hegemônico. Entretanto, a literatura também pode servir como uma arma para a desconstrução de estereótipos e do *status quo*, trazendo narrativas que questionem e contrastem com o discurso dominante ao criticar as estruturas sociais e políticas.

Através das palavras, grupos sociais que são invisibilizados e silenciados cotidianamente, podem ganhar poder e visibilidade, expondo as suas realidades ao resto da população com o objetivo de ganhar apoio na luta por justiça social. Não à toa, a história mundial está repleta de casos em que ditaduras e grupos privilegiados censuraram (e ainda censuram) obras

literárias por revelar fraquezas em sua estrutura e denunciar injustiças sociais, evidenciando ainda mais a proximidade que a literatura possui com o imaginário, produto e produtor do espaço.

Nesse sentido, é fortalecida a ideia do quanto a geografia pode ampliar o alcance da sua interpretação, já que a estética literária pode carregar uma infinidade de simbolismos através das ferramentas linguísticas que proporcionam ao autor a liberdade de representar o espaço através da subjetividade do próprio olhar. Considerando a multiplicidade de visões e representações, terá a geografia um campo fértil para investigar. A comunicação entre a universidade e a sociedade ganham um ponto de união, onde a linguagem se torna a ferramenta para a popularização da ciência.

2 Paisagem

Partindo do pressuposto que todos os sujeitos e indivíduos são únicos e ao mesmo tempo parte de um conjunto social, reforça-se a ideia de que esses sujeitos são produtores e produtos do espaço em que estão inseridos (MORIN, 2003). Da mesma maneira, as formas como os sujeitos e os grupos sociais se expressam no espaço, também possuem esse caráter duplo de produto/marca, produtor/matriz³. O conceito geográfico que dá conta dessa expressão espacial é a paisagem. De acordo com Milton Santos (2006), “a paisagem é o conjunto de formas que, num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza” (SANTOS, 2006, p. 66). Ou seja, a paisagem é como um recorte do espaço capaz de expressar através de suas formas uma infinidade de informações, tanto do campo material, quanto do campo imaterial - através dos simbolismos contidos nesse conjunto.

Por se tratar de representações, a interpretação da paisagem serve como um canal de comunicação entre pessoas, que de acordo com sua bagagem cultural, vão enxergar significados distintos. Essas diferenças simbólicas podemos entender como marcadores culturais que representam significados relacionados a práticas e conhecimentos de culturas múltiplas. Nessa linha, entendemos que essas marcas e marcadores estão diretamente associados à identidade cultural dos grupos sociais que representam. Por entendermos que no mundo não há um grupo social e sim múltiplos, concluímos que essas marcas e marcadores também o são, evidenciando

3 “É preciso compreender a paisagem de dois modos: por um lado ela é vista por um olhar, apreendida por uma consciência, valorizada por uma experiência, julgada (e eventualmente reproduzida) por uma estética e uma moral, gerada por uma política, etc. e, por outro lado, ela é matriz, ou seja, determina em contrapartida, esse olhar, essa consciência, essa experiência, essa estética e essa moral, essa política etc.” (BERQUE, 1984, p. 86).

o caráter múltiplo da paisagem. Logo, a percepção dos interlocutores é fundamental para a interpretação simbólica. No livro “Metamorfoses do Espaço Habitado” (1988), Milton Santos enfatiza que essa percepção não se faz apenas pelo sentido da visão, mas por todos os sentidos do corpo humano (SANTOS, 1988). Desse modo, é importante uma estruturação metodológica para observação científica dessa paisagem.

No livro “Espaço e Método” (1985), Milton Santos indica quatro conceitos metodológicos para a análise da paisagem: *forma*, *função*, *estrutura* e *processo*. Individualmente servem para análises parciais, porém associados dão conta da totalidade do espaço, como aponta Milton Santos (1985):

Forma é o aspecto visível de uma coisa. Refere-se, ademais, ao arranjo ordenado de objetos, a um padrão. Tomada isoladamente, temos uma mera descrição de fenômenos ou de um de seus aspectos num dado instante do tempo. *Função*, de acordo com o Dicionário Webster, sugere uma tarefa ou atividade esperada de uma forma, pessoa, instituição ou coisa. *Estrutura* implica a inter-relação de todas as partes de um todo; o modo de organização ou construção. *Processo* pode ser definido como uma ação contínua desenvolvendo-se em direção a um resultado qualquer, implicando conceitos de tempo (continuidade) e mudança (SANTOS, 1985, p.69).

Utilizando, portanto, a matriz de categorias do método geográfico, são interpretadas as descrições da paisagem da Porto Alegre do início do século XX presentes na obra. Pela lente desses quatro conceitos, foi possível a aproximação de uma análise mais profunda da paisagem, já que as descrições não só apresentam a forma física, mas indicam elementos referentes ao conteúdo da paisagem da época, possíveis de identificar quando relacionados ao contexto da narrativa e também aos próprios pensamentos e percepções da personagem em relação à cidade.

3 Leitura da paisagem pelas descrições

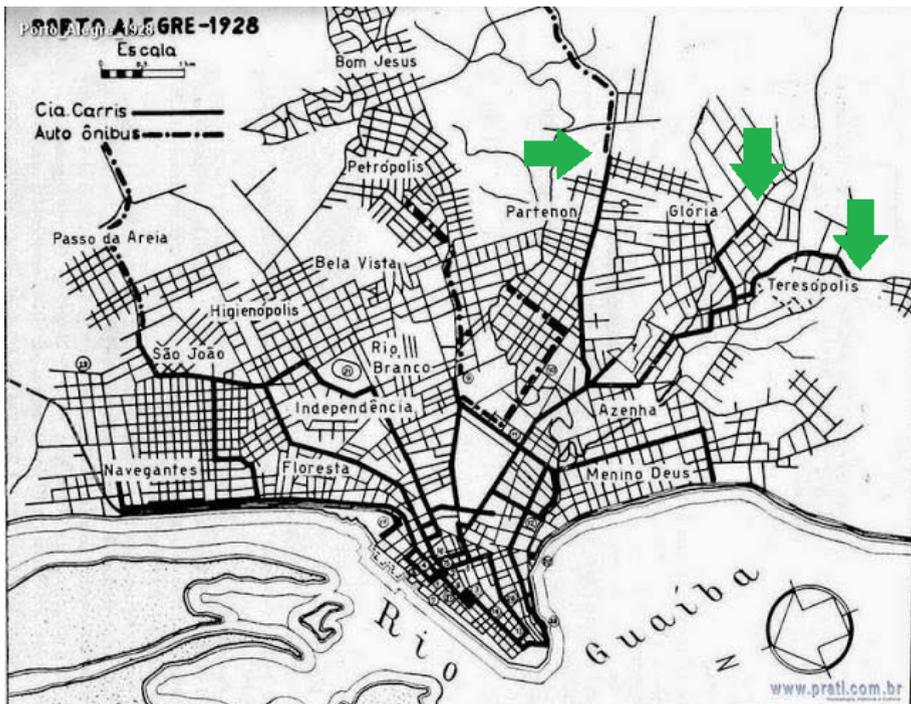
Os espaços que contêm a trama são: o arrabalde, o bonde, o centro da cidade e o bairro Independência, que se localiza próximo ao perímetro da zona central.

O arrabalde é o local onde Naziazeno reside. Não possui maiores detalhes de sua localização como ruas ou referências específicas, apenas indica que se localiza próximo ao final da linha do bonde: “O bonde já se acha no fim da linha. No fim da linha, duas ou três quadras dali, é um amontoa-

do de carroças de leiteiro e de carretas de lenha na frente dum armazém. Os leiteiros e os lenheiros tomam cachaça naturalmente” (MACHADO, 2004, p.9). As características do arrabalde são rurais, dadas a descrição da vizinhança com árvores onde “as sombras têm uma frescura que cheira a ervas úmidas” (MACHADO, 2004, p.6), além de vizinhos que criam animais e cultivam hortas em suas casas.

Como mostra o mapa de figura 2, Naziazeno reside possivelmente em algum dos três bairros indicados no mapa pelas setas verdes. Partenon, Glória ou Teresópolis, que nessa época possuíam características rurais, se encontravam na periferia da cidade (arrabalde) e continham o final de uma linha de bonde.

Figura 2 – Mapa de Porto Alegre em 1928 com as linhas de bonde.



Fonte: <<https://www.flickr.com/photos/fotosantigasrs/11019763963>>.

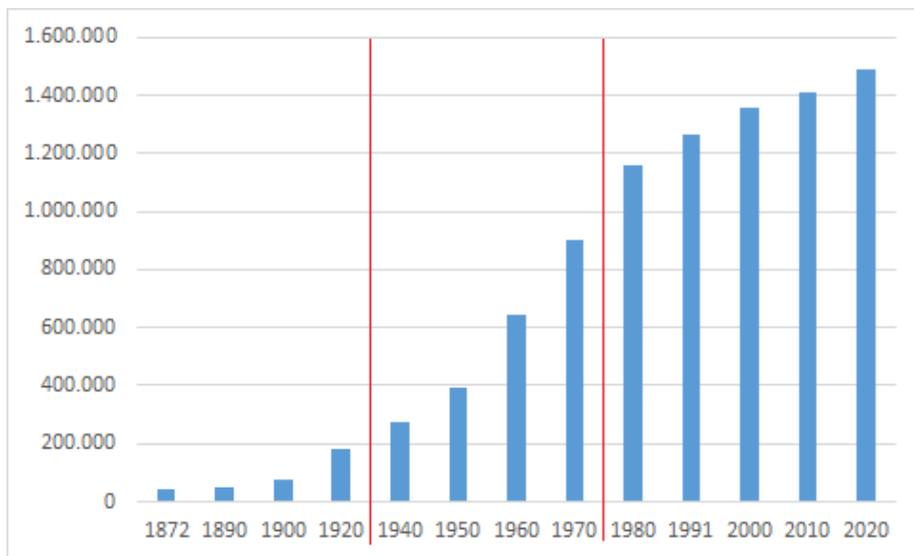
Acesso em: 12 set. 2020. Marcações em verde feitas pelo autor que destacam o final das linhas dos bondes.

No mapa podemos comparar o tamanho da cidade com o atual, onde em menos de 100 anos, há um crescimento urbano intenso, tanto que regiões periféricas nessa época, atualmente são consideradas localizações centrais e dispõem de boa infraestrutura urbana, como por exemplo os bairros Rio Branco, Azenha e Menino Deus. É importante enfatizar que

essa localização dos bairros Rio Branco, Bela Vista, Higienópolis, Bom Fim e Cidade Baixa, no início do século XX, eram redutos da população negra, que tinha seu principal núcleo entre os atuais bairros do Bom Fim e Rio Branco - a Colônia Africana. Com os processos segregacionistas e de “limpeza” (vide o bairro Higienópolis) étnica, as populações negras foram removidas para regiões mais periféricas da cidade, como principal exemplo, citamos o bairro Restinga, criado nos anos 1960, em uma região distante e praticamente isolada do centro da cidade.

O crescimento da cidade estava correlacionado com o processo de industrialização, urbanização e o crescimento populacional. A figura 3 traz o gráfico da população de Porto Alegre entre os anos de 1872 e 2010. O gráfico foi dividido três partes para exemplificar a análise desse crescimento urbano:

Figura 3 – Gráfico da população de Porto Alegre entre 1872 e 2020



Fonte: IBGE, Censo Demográfico 1872, 1890, 1900, 1920, 1940, 1950, 1960, 1970, 1980, 1991, 2000 e 2010. A população de 2020 é uma estimativa do IBGE.

Na primeira parte, entre 1872 e 1920, a população cresce 4 vezes mais, passando de 44 mil pessoas para 179 mil, representando um crescimento de aproximadamente 300% em 48 anos.

Na segunda parte, entre 1920 e 1970, a população cresce 5 vezes mais, passando de 179 mil para 903 mil, representando um crescimento de aproximadamente 400% em 50 anos.

Na terceira parte, entre 1970 e 2020, esse crescimento desacelera, com a população passando de 903 mil para 1.488.000, representando um crescimento de aproximadamente 64%.

Essa dinâmica mostra como a primeira metade do século XX intensificou a ocupação urbana de Porto Alegre, estando relacionada ao movimento migratório do campo para a cidade (êxodo rural), motivado pela industrialização e urbanização dos centros urbanos e mecanização do meio rural. Isso ficou explícito na história pelo próprio Naziazeno ser um desses migrantes oriundos do meio rural, quando descreve as lembranças da infância, trazendo o imaginário de um campo idealizado, de uma vida melhor do que a possível na cidade.

Para facilitar a leitura da paisagem, seguiremos os passos de Naziazeno na mesma linha temporal abordada na obra. Ela se caracteriza pelo seguinte roteiro, também representado pela figura 4:

Manhã: Saída do arrabalde, chegada no centro e ida até a repartição onde trabalha - nas docas do cais Mauá;

Meio-dia: das docas segue até o mercado. Do mercado vai ao bairro Independência;

Tarde: volta do bairro Independência para o centro. Nessa parte a história se passa no entorno do largo dos Medeiros (rua da praia com a rua da ladeira);

Crepúsculo: a história se passa entre as cercanias do mercado e do largo dos Medeiros;

Noite: volta para o arrabalde;

A história inicia com Naziazeno sendo cobrado pelo leiteiro a quantia de 53 mil réis. Essa situação envergonha Naziazeno em frente a sua vizinhança, que pelas descrições se trata de uma área com características rurais, localizada na periferia da cidade de Porto Alegre por volta dos anos de 1920 e 1930.

Já na primeira cena percebemos uma relação incomum se compararmos com o contexto atual em que vivemos. Não existe mais a figura do leiteiro, que possui uma relação com os clientes onde ele porta uma cópia da chave das casas para entrar e deixar o leite sem acordar os moradores. E nessa mudança de relação social existem inúmeras variáveis estruturais e funcionais, desde o fato de hoje existirem técnicas de refrigeração, comunicação e transporte muito mais dinâmicas que a da época em questão, até a população atual ser quase dez vezes maior, ocasionando uma reconfiguração enorme nas atividades e relações socioeconômicas.

Figura 4 – Mapa com o percurso de Naziazeno



MAPA 01 - O Percurso de Naziazeno

Elaborado por Débora Grando Schöffel. Fonte: (SCHÖFFEL, 2016).

Naziazeno parte de manhã cedo para o centro, com o objetivo de conseguir os 53 mil réis, fato que atormenta a cabeça do protagonista durante o romance inteiro. O imaginário dele é tão marcante na história, que só a projeção de quitar a dívida, transforma a paisagem da própria residência simples onde ele reside:

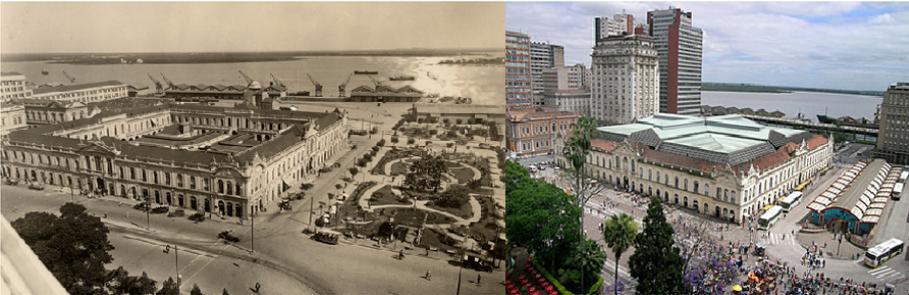
Quando, depois de “pagar” o leiteiro no portão, ao pé da “escadinha”, “entra” de novo em casa, as janelas estão cheias de luz, a toalha enxovalhada da mesa resplandece, o café com leite tem um cheiro doméstico, que lhe lembra a sua infância (MACHADO, 2004, p. 22).

Naziazeno chega pela manhã no final da linha do bonde, que se localiza na praça XV. Nas primeiras reflexões de Naziazeno, percebemos o quanto os cafés são espaços centrais na dinâmica social porto-alegrense, sendo mais do que um local de alimentação, tendo a função de pontos de negócio. “Naquele ambiente comercial e de bolsa do mercado, quantos lutadores como ele!... Sente-se em companhia, membro lícito duma legião natural” (MACHADO, 2004, p. 15) que vive diariamente a batalha da sobrevivência. No café próximo ao mercado ele procura Duque, que é descrito na trama como um sujeito ágil, esperto e com faro para negócios, “o corretor da pobreza” (MACHADO, 2004, p. 16) e uma das suas esperanças para con-

seguir o dinheiro. Entretanto, não o encontra.

O mercado a que Naziazeno se refere, é o Mercado Público de Porto Alegre, um exemplo evidente da paisagem como um recorte espacial que condensa várias temporalidades, como podemos analisar na comparação entre as paisagens na figura 5.

Figura 5 – Mercado Público



Comparação de imagens do Mercado Público na década de 30 e nos anos 2000. Fontes: <<https://www.facebook.com/FotosAntigasPortoAlegre/photos/a.568023149908927/936414369736468/?type=3>>; <https://www2.portoalegre.rs.gov.br/smic/default.php?p_secao=194> Acesso em 12 de set. 2020.

Na comparação das imagens é possível ver a sobreposição de temporalidades, com a permanência da *forma* e *função* do mercado público, mas com a modificação no entorno do mesmo. O aumento de arranha céus caracterizando a intensa urbanização, o aumento do número de pessoas e as mudanças no transporte, evidenciado pelos ônibus e pela transformação da praça Parobé em terminal Parobé, caracteriza mudanças drásticas nas *formas* e nas *funções* da paisagem. Naziazeno segue procurando duque enquanto caminha pelo entorno do mercado:

À medida que se aproxima do centro, vai encontrando caras graves, em indivíduos relativamente novos, bem vestidos, rápidos e preocupados. Fazem uma estranha ronda através dos bancos, dos cartórios, etc. Parecem andar sempre prontos pra uma festa, o rosto bem escanhado. Estão simplesmente trabalhando — “negociando”. Seus rostos, bem de perto, têm uma cor de insônia e um arco machucado em torno dos olhos. Há mesmo uma espécie de concentração melancólica do olhar que lhes dá um vago ar de velhice. O seu trabalho “rende”. Naziazeno os “vê” à tardinha, depois de chegarem à casa — essas casas novas, higiênicas, muito claras. A mulher é um ser delicado e lindo. Recosta-se no espaldar da cadeira onde “ele” está sentado. E

um e outro sorriem para os filhos, corados e loiros nas suas roupinhas claras...” (MACHADO, 2004, p. 22-23).

A percepção de Naziazeno sobre os “homens de negócio” do centro da capital descreve a tensão presente no centro dos negócios da cidade, normais para uma sociedade estruturada na competição capitalista. Uma mudança *estrutural* da paisagem atual em relação a da época, é a presença da mulher na vida econômica da cidade. Na história só há descrição de uma mulher na rua ou em ambientes comerciais e de negócios, indicando o espaço dominado pelo gênero masculino. As descrições femininas na história ficam reservadas aos ambientes domésticos. Apesar da desigualdade entre os gêneros ainda ser algo presente e determinante nas relações econômicas e sociais, é notável a conquista de espaço pelo gênero feminino. No mesmo trecho à uma referência étnico-racial aos homens bem-sucedidos, que são cercados por filhos loiros em roupas claras, evidenciando o racismo da *estrutura* social.

Não encontrando Duque, Naziazeno decide ir ao seu trabalho com o intuito de conseguir um empréstimo com o Diretor da repartição onde trabalha. Como funcionário público de baixa importância, cumpre funções administrativas de contabilidade ligada à controle de gastos públicos, que não demandam muita pressa, já que Naziazeno está com trabalho de dez meses atrasado. “A repartição fica lá no fundo, num sobrado. Todo aquele recinto foi-se alterando aos poucos, invadido pelas ‘obras’ ” (MACHADO, 2004, p. 19). A repartição fica no atual Cais Mauá (figura 6), nas proximidades da praça da alfândega e da usina do gasômetro e as obras citadas são as da construção do mesmo, que iniciou em 1911 e teve seu o último trecho finalizado em 1927. O cais é um exemplo da permanência da *forma* com alteração da *função*, já que desde 2005 não possui atividades portuárias e a mesma *forma* agora possui *função* cultural, sendo protegido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Ambiental (IPHAN) e contendo um potencial turístico que mobiliza interesses para sua revitalização e transformação em espaço cultural e comercial.

Para sua tristeza, o diretor não se encontra na repartição, com isso Naziazeno “encaminha-se para o mercado, para esse café da esquina, de que o Duque fez o seu campo de ação, a sua bolsa” (MACHADO, 2004, p. 22), com o objetivo de encontrar Duque. Chegando ao café da esquina do mercado, não enxerga o Duque, porém encontra Alcides. Durante a conversa, Alcides sugere que Naziazeno volte à repartição para tentar o empréstimo como diretor enquanto ele vai jogar no bicho pelos dois.

Figura 6 – Trecho do cais próximo à usina do gasômetro.



Fonte: <<https://fotospublicas.com/parabens-porto-alegre-pelos-seus-243-anos/porto-alegre/>> acesso em 12 de set. 2020.

De volta à repartição, o diretor passa por ele dentro do carro em direção às obras. Aqui chamo a atenção para a posição social do diretor, que anda de automóvel, algo restrito para uma pequena elite na época. Naziazeno vai atrás do diretor, porém o mesmo nega o empréstimo questionando: “Tenho eu porventura alguma fábrica de dinheiro?...” (MACHADO, 2004, p. 29). Diante dessa negativa, o protagonista retorna ao mercado e encontra Alcides novamente no café Nacional próximo ao mercado – café movimentado na época, que possuía duas sedes, sendo a outra no largo dos Medeiros (rua da Praia esquina com a rua da Ladeira). Alcides então o oferece para cobrar uma dívida de 100 mil réis no bairro Independência, desse dinheiro sairá um empréstimo para Naziazeno. É meio dia e Naziazeno direciona-se a pé – pois não tem dinheiro e não se quis pedir a Alcides a quantia para o bonde – encarando o forte sol do verão porto-alegrense:

Treme o ar, toda a rua treme com o calor, tremem as casas, como um pedaço de paisagem submarina, ondulando através da água movediça. As habitações têm colorido. Pequenos jardins. Bairro elegante. Naziazeno disfarça o cansaço, porque tem uma esperança. Segue o trilho estreitíssimo e quebrado da sombra das casas na calçada, bem junto das paredes. Toda a rua está balizada num lado e noutro por

uns blocos metálicos, dum brilho sombrio: limusines em descanso. O “sujeito” mora no número 357. É o fim da rua, lá no alto (MACHADO, 2004, p.32).

De acordo com as descrições, o bairro Independência é habitado por parte da elite que migrou da região central, onde se localizava nas proximidades da rua da Igreja (atual rua Duque de Caxias). Por isso a diferença na descrição desse bairro, que possui limusines estacionadas e a arquitetura imponente, que ainda hoje se manifesta através dos palacetes remanescentes no bairro. Andrade, o sujeito que Naziazeno foi cobrar, reside no final da rua. Ao se aproximar do destino, escuta uma música clássica que vem de um dos palacetes, indicando o quanto a elite porto-alegrense consome a cultura europeia. Ao chegar no número da residência, identifica que a mesma é mais simples que as construções da vizinhança. Ao abordar Andrade, o mesmo afirma que quem deve a quantia à Alcides é Mr. Rees, subgerente do New York Bank, localizado na rua Sete de Setembro. Naziazeno então retoma sua saga em direção ao centro.

O calor é intenso devido à estação do ano, à hora do dia e também ao fato de que nessa região, “a cidade não tem árvores. A rua é um bloco inteiriço de granito escaldante” (MACHADO, 2004, p. 38) que faz com que ele se sinta mal, principalmente por não ter almoçado. Na figura 7 podemos observar que não há árvores na avenida Independência, indicando que a organização da paisagem urbana estava mais preocupada com a estética do concreto, do que em manter uma relação harmônica com a natureza, muito apropriado às ideias de progresso e urbanização que dominavam a política porto-alegrense no início do século XX.

Figura 7 – Palacetes do bairro Independência



Imagem da avenida Independência em 1930 com casarões, carros e até mesmo mão inglesa e do Google Street View ilustrando um dos muitos palacetes remanescentes do bairro. Fontes: <http://antigaportoalegre.no.comunidades.net/fotos-1921-1940> e Google, acesso em: 13 set. 2020.

Mr. Rees está em viagem, então não consegue a quantia. Decide ir até a rua da ladeira, em busca de algum conhecido que lhe empreste alguma quantia para almoçar, já que se sente bastante debilitado devido às andanças e ao forte calor.

A rua da Ladeira na época é uma rua de grande movimentação na cidade, tanto que na pressa de encontrar alguém, “na interseção duma travessa conhecida como o centro da jogatina, dos cabarés e das pensões chiques, [...] por um pouco não abalroa um cidadão baixote, de passo pausado, que desembocava tranquilamente na Ladeira” (MACHADO, 2004, p.43). Esse cidadão baixote por acaso é um conhecido e aproveitando a situação, Naziazeno já lhe pede um trocado para almoçar, o cidadão:

Ainda com a mesma atitude retraída e a cara fechada, mete a mão no bolso da calça. Tira a carteira do dinheiro. Abre-a: as notas estão divididas pelos seus valores, em compartimentos especiais. Escolhe uma cédula de cinco mil-réis e passa-a a Naziazeno. — Até amanhã — e desce pausadamente a Ladeira, virando-se lentamente para um lado e outro, como que observando sem pressa e sem tempo... (MACHADO, 2004, p. 43).

O fato do cidadão baixote possuir carteira, é uma distinção social já que a maioria da população não possui esse item e faz as transações tirando o dinheiro dos bolsos. O caminhar tranquilo também o diferencia dos demais, que andam rapidamente e ansiosos – tal como ratos – atrás de dinheiro. Essa comparação com ratos é uma metáfora presente em todo o livro e é uma maneira de Dyonelio criticar a estrutura social da época, que faz com que seres humanos ajam como os ratos - animais desprezados que andam desesperados pela sobrevivência nas entranhas da cidade.

As imagens da figura 8 retratam o mesmo ponto da rua, como podemos identificar pelo prédio remanescente na esquina. A diferença na altura das construções, na quantidade de automóveis estacionados e no número de pessoas no fundo das imagens, são as mais marcantes. As funções das formas que ali permaneceram também se alteraram, não sendo mais uma referência em casas de jogatina, cabarés e pensões chiques.

Figura 8 –Rua da Ladeira, atual General Câmara



Imagens da rua General Câmara na década de 30 e em 2019, disponível no Google Street View. Fonte: <<https://www.facebook.com/OldPortoAlegre/photos/rua-da-ladeira-atual-general-c%C3%A2marad%C3%A9cada-de-1930/416199415113803/>> e Google. Acesso em 11 de set. de 2020.

Apesar de estar quase desmaiando de fome, decide arriscar os 5 mil réis que recebeu na roleta localizada aos fundos de uma tabacaria. Na primeira tentativa aposta no número que decidira jogar na próxima vez que entrasse em um jogo de roleta e ganha 175 mil réis! Dinheiro suficiente para quitar a dívida com o leiteiro, entretanto acredita que com habilidade pode multiplicar esse dinheiro. Passa a tarde na roleta e perde o dinheiro ganho. Quando sai da roleta - não sabe que horas são pois não possui relógio – “muitas casas de comércio já estão fechadas. A luz do dia é mortiça. O calor abrandou. Com o caminhar, um pouco de vento, uma certa aragem lhe vem à cara e refresca-a.” (MACHADO, 2004, p. 53). Decide ir então a uma rua comercial tentar um novo empréstimo para quitar sua dívida. Pela descrição se trata da atual rua Voluntários da Pátria, antigamente chamada de Caminho Novo:

Desemboca numa avenida. Os edifícios, altos, têm uma faixa de luz, alaranjada e distante, sobre os últimos andares. O estrépito dum bonde que desce enche dum ruído duro o ar silencioso. Atravessa a avenida. Poucas casas abertas. A bem dizer, apenas os armazéns. Continua andando. Já se avistam esses pavilhões compridos, antigos trapiches, que avançam agora na areia do recalque, como ainda há bem pouco nas águas do rio (MACHADO, 2004, p. 53).

A referência dos “antigos trapiches, que avançam na areia do recalque”, reforça a ideia de urbanização, com as antigas *formas* sendo substituídas pelas novidades da modernidade. Chega em uma grande casa atacadista que está fechando e aborda o proprietário. O mesmo se nega a ajudar,

dando a entender que é porque Naziazeno já lhe deve um vale, mesmo que o proprietário negue e afirme que apenas não pode lhe conceder a quantia. Naziazeno retorna às proximidades do mercado. Na paisagem, enxerga “aquele penacho de fumaça escura que se ergue meio dobrado sobre o céu pesado de vapores são as ‘obras’. A fumaça é da usina” (MACHADO, 2004, p. 57). A fumaça a que Naziazeno se refere é devido a usina térmica ainda não ter a grande chaminé, referência na paisagem porto-alegrense. Ela foi finalizada em 1937, após a escrita do romance. Sua construção se deu para diminuir os gases que invadiam o centro da cidade, gerando desconforto e reclamações da população. A figura 9 mostra a usina antes da construção da chaminé comparando com a sua *forma* atual.

Figura 9 – Usina do gasômetro



Imagens da usina do gasômetro na década de 1930 sem a chaminé e ao lado da casa de correção, antiga cadeia. No canto direito da imagem pode-se ver as torres da igreja das Dores. Na direita da figura imagem da usina atualmente, sem a cadeia e com muitos prédios, que impossibilitam a visualização das torres da igreja. Fontes: < <http://historiasgaucha.blogspot.com/2015/10/casa-de-correcao-e-usina-do-gasometro.html>> e < <https://www.correiogravatai.com.br/cotidiano/turismo/2020/01/25/a-porto-alegre-dos-gauchos-tambem-e-destino-turistico.html>>.

Chegando no mercado encontra Alcides e em outra mesa visualiza Duque conversando com Mondina, um rábula⁴. Alcides e Naziazeno chamam Duque para a mesa e lhe contam a situação de Naziazeno. Ele sugere que vão até um agiota conhecido. Alcides vai sozinho ao agiota enquanto Naziazeno se junta a mesa de Duque e Mondina. Encontram posteriormente Alcides no café Nacional do largo dos Medeiros, contando que o mesmo conseguiu o empréstimo com o agiota, entretanto Alcides informa que o agiota encerrou os empréstimos temporariamente. Nesse momento Duque deixa Alcides e Mondina no café e leva Naziazeno a outros agiotas, mas todas as tentativas fracassam:

4 “Rábula. *Sm.1* Advogado chicaneiro que embaraça as questões com os artifícios que a lei lhe faculta. 2 **Aquele que advoga sem ter formação em Direito**” (MICHAELIS, 2015).

Àquela ideia de que vai chegar em casa com as mãos abanando, Naziazeno sente um gelo, ao mesmo tempo que a sua cabeça se enche dum turbilhão. Tocam-se em direção ao café. A penumbra da tarde, aquela sombra que cresce, progressivamente cresce, põe-no nervoso. Mesmo a sua náusea passou: ele está agora todo trepidação inquieta outra vez. Pergunta ao Duque:

— Você tem alguma ideia?

— Vamos abordar o Mondina (MACHADO, 2004, p.67).

Naziazeno é atormentado por seus problemas financeiro durante a trama inteira e a passividade dele em arranjar uma maneira de conseguir o dinheiro nos mostra o quanto as pessoas das classes menos abastadas não enxergavam uma maneira de reverter a situação. O fato de Naziazeno continuar jogando quando ganhou os 175 mil réis, parece indicar que aquela situação pareceu para ele uma maneira de subverter essa lógica e por isso decidiu apostar todas as suas fichas. Não por acaso os jogos de azar são responsáveis por inúmeras falências e não ignora o fato de que há um vício relacionando tais atividades. A penumbra da tarde anunciando a noite só potencializa o nervosismo de Naziazeno.

Retornam ao café e Duque sugere o seguinte plano: Mondina emprestaria 180 mil réis para resgatar um anel de bacharel - que Alcides diz ser do seu avô - na casa de penhores. Fariam isso para posteriormente vendê-lo por maior valor numa joalheria da rua do Rosário (atual rua Vigário José Inácio). Naziazeno então vê sua esperança renascer, apesar de ser quase 19h e as atividades comerciais estarem praticamente encerradas. O grupo então sai em direção à loja de penhores localizada na rua da Ladeira:

É preciso apurar: ali no centro já quase não se encontra mais nenhuma casa aberta. A cidade está despovoada. Uma que outra caixeirinha retardatária. Os bondes mesmo ficaram mais raros, mais espaçados. É uma pausa na vida urbana. O fim... (MACHADO, 2004, p. 78).

A única descrição feminina relacionada ao ambiente comercial é referente à “caixeirinha retardatária”, provavelmente oriunda do largo da Quitanda, localizado próximo à praça da Alfândega e que tem na sua história a presença de intenso comércio, com a maior parte dos vendedores sendo negros e negras (VIEIRA, 2017). Sobre a percepção que Naziazeno tem da cidade no tardar da noite:

São quase oito horas no relógio do café. Pequenos grupos de homens vêm aparecendo nas portas, vêm entrando devagar. Outra fase na vida da cidade se inicia. A noite refrescou. Mas, a despeito do ar quase frio, aparecem ainda muitos linhos. Numa mesa ao lado da deles, um sujeito lê tranquilamente um jornal (MACHADO, 2004, p. 79).

A vida noturna da cidade na época não é citada na obra, entretanto o fato de ter movimentação próximo ao café e de “outra fase na vida da cidade iniciar”, é um indício de que a rua da Praia é um dos pontos Boêmios da cidade na época. Apesar de não conseguirem empenhar o anel na joalheria por um preço maior, Duque convence Mondina a confiá-lo o valor de 300 mil réis - mais uma quantia de 120 já que tinha desembolsado 180 para desempenhar o anel - que o mesmo se compromete a realizar a transação no dia seguinte, devolvendo as respectivas quantias a Mondina e a Alcides. Naziazeno então recebe um empréstimo de Duque e se encaminha para casa com um valor superior ao que devia ao leiteiro. A partir desse ponto não temos mais notícias se a transação de fato ocorreu e Mondina recebeu seu dinheiro ou se foi um golpe de Duque e Alcides.

Naziazeno pega o bonde em direção ao arrabalde. Chegando em casa:

A porta do comedouro vai-se abrindo (entra-se diretamente do pátio para a “varanda”). Senta-se à mesa sem toalha, no seu pequenino trabalho, a mulher ergue uma cara pálida, triste e atenta. É tarde (são nove horas). Naziazeno não quer que ela se assuste. Daí essa precaução. Abre a porta devagar, empurrando-a com os embrulhos. Tem um sorriso branco no meio do rosto escuro (está com uma barba de dois dias) (MACHADO, 2004, p.81).

Naziazeno chega com a quantia para o leiteiro e no caminho, com a diferença, consegue comprar queijo e manteiga, um brinquedo para o filho e ainda retirar o sapato da esposa que estava retido pelo sapateiro. Está contente por estar com o dinheiro e fica imaginando a cena dele entregando a quantia ao leiteiro. Adelaide, sua esposa, o sugere que deixe o dinheiro em cima da mesa para o leiteiro pegar pela manhã, assim ele pode descansar por mais tempo. Naziazeno concorda já que teve um dia bastante desgastante. Entretanto, a cabeça de Naziazeno não descansa e o mesmo não consegue dormir por lembrar das situações vividas no seu dia e pelo desespero em imaginar que os ratos podem roer os 53 mil reis deixados em cima da mesa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir deste trabalho considera-se que há um rico campo de possibilidades para a construção da aprendizagem em Geografia a partir do diálogo com a Literatura, se constituindo em uma potente ferramenta a ser explorada didaticamente, capaz de exercitar o pensamento geográfico dos alunos para além da memorização de conceitos.

Corroborando com as referências sobre esse diálogo, foi possível identificar essa riqueza de possibilidades ao utilizarmos a obra “Os Ratos”, de Dyonelio Machado, como fonte para ler a paisagem geográfica da área central da cidade de Porto Alegre. A partir das descrições contidas na obra e utilizando a matriz de categorias do método geográfico, foi possível perceber além do que as imagens da época nos apresentam, associando-as com as informações do cotidiano do início do século passado que estão descritas na história, enriquecendo o conhecimento sobre a cidade. A comparação entre temporalidades diferentes de um mesmo espaço, permite identificar mais facilmente a atuação do *processo* histórico agindo sobre as *formas, funções e estruturas* sociais.

Em relação às *formas*, percebe-se o quanto elas se modificaram nesses quase cem anos, estando submetidas às mudanças trazidas pela urbanização e pelo aumento populacional da cidade, bem como pelo avanço das técnicas. Os edifícios e os meios de transporte e comunicação sofreram as modificações mais intensas. A mudança nas *funções* das formas remanescentes é marcante, já que a maior parte dos prédios antigos não possui a mesma função da época tratada pela obra. A usina do gasômetro e o cais do porto deixaram de ter suas funções originais ligadas a produção energética e ao transporte fluvial e atualmente possuem função turística e cultural; os palacetes remanescentes não servem mais como residências familiares - já que são muito onerosos para o contexto atual - dando lugares à espaços culturais e comerciais.

Comparada com as formas e as funções, a *estrutura* possui a característica menos dinâmica. Por se referir à maneira como a sociedade se organiza, está muito associada às significações que a sociedade compreende acerca das relações sociais, diretamente implicadas pela moralidade e pelas ações políticas dos atores sociais. Com isso, a estrutura tem um caráter de conservação, já que as pessoas que ocupam os espaços de poder, tendem a manter os privilégios gerados por tal organização, enquanto que as mudanças necessitam de grande esforço e movimentação por parte daqueles que ousam mudá-las, inseridas em uma arena de intensas disputas políticas. A própria mudança na estrutura técnica segue essa lógica de manutenção social, disponibilizando ferramentas mais elaboradas para a conservação

do *status quo*. São várias as semelhanças estruturais da época com a atualidade, embora a obra enfatize a desigualdade econômica e social - próprias do sistema capitalista, que tem o poder de equiparar seres humanos a ratos que buscam desesperados a sua sobrevivência.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Regina. Do Sertão aos Pampas O território da literatura nacional no século XX. *Terra Brasilis*. 4 - 5 | 2003.
- BARBOSA, Gabriel Túlio de Oliveira. Veredas metodológicas: a “palavra” geográfica em Guimarães Rosa. In: SUZUKI, Júlio César; DA SILVA, Valéria Cristina Pereira. *Imaginário, espaço e cultura: geografias poéticas e poéticas geografias*. Porto Alegre: Imprensa Livre, 2016.
- BARCELLOS, Frederico Roza. Espaço, lugar e Literatura – O olhar geográfico machadiano sobre a cidade do Rio de Janeiro. *Espaço e Cultura*. UERJ, RJ, n. 25, p. 41-52, jan. 2009.
- BERQUE, Augustin. Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma Geografia cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. *Paisagem, tempo e cultura*. Ed. UERJ, 1998, Rio de Janeiro.
- CHARTIER, R. O mundo como representação. *Estudos Avançados*, 11 (5), 1991, p. 173-191.
- CRAVIDÃO, Fernanda D.; MARQUES, Marco. *Literatura e Geografia: outras viagens, outros territórios*. Emigrantes de Ferreira Castro. Cadernos de Geografia. Coimbra, n.19, p. 37-47, 2000.
- FERRAZ, Cláudio Benito; CHAVEIRO, Eguimar Felício; NUNES, Flaviana Gasparotti; SUZUKI, Júlio César. Geografias, imagens e literaturas: diálogos possíveis. *Revista da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Geografia (Anpege)*. P. 309-330, V.12, n.18, especial GT Anpege 2016.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). População nos Censos Demográficos, segundo os municípios das capitais (1872/2010). *Sinopse do Censo Demográfico 2010*. Disponível em: < <https://censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=6>>. Acesso em: 12 de set. de 2020.
- MACHADO, Dyonelio. *Os Ratos*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 7ª reimpressão. 2004.
- MICHAELIS. *Dicionário Online de língua portuguesa*. Editora Melhoramentos Ltda, 2015. Disponível em <<http://michaelis.uol.com.br/busca?id=jLZo>>

Acesso em: 01 de jul. de 2020.

- MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Tradução Eloá Jacobina, 8a ed. 128p. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- PESAVENTO, Sandra Jatamy. *História & História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- SANTOS, Milton. *Espaço e método*. São Paulo: Nobel, 1985. 88p.
- _____. *Metamorfoses do Espaço Habitado*, fundamentos Teórico e metodológico da geografia. Hucitec. São Paulo 1988.
- _____. *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*. 4ª. ed. 2ª reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.
- SCHÖFFEL, Débora Grando. *Os ratos e os rastros: a construção da realidade urbana através das palavras*. Dissertação de mestrado. UFRGS, Porto Alegre, 2016.
- VIEIRA, Daniele Machado. *Territórios negros em Porto Alegre/RS (1800 – 1970): geografia histórica da presença negra no espaço urbano*. Dissertação de mestrado. UFRGS, Porto Alegre, 2017.

Recebido em 16/09/2020

Aprovado em 11/12/2020